A Semana de Lisboa

Supplemento do Jornal do Commercio

DIRECTOR — ALBERTO BRAGA

N.º 33 | Domingo 13 de agosto | 1893

JOÃO DE DEUS

M apostolo vestido de administrador de concelho.

Todo elle é doçura.

Olhar, voz e gestos de pellucia branca.

Alma amorosa e ingenua, n'este seculo de electricidade e de carvão de pedra, João de Deus, *venu trop tard dans un monde trop vieux*, lembra-me um santo que, para alcançar a dalmatica rubra e a palma verde dos martyres, trocasse a tranquillidade da sua thebaida pela grave e ensobrecasacada posição de verificador da alfandega.

O seu genio e o seu caracter nadam á flôr dos dias que vão correndo, como duas gottas de doirado e perfumado oleo á flôr d'um pantano.

Aos quatorze annos déram-lhe uma capa e uma batina em vez d'um gibão de briche e d'uns safões de pelle de carneiro; déram-lhe livros em vez d'uma planta silvestre. E lá foi para a Universidade de Coimbra, elle que devia ir para os montes, para mais perto das estrellas, atraz d'um rebanho de rezes doceis, ao lado d'um cão pacifico — leal edredon para os relentos do outomno.

O divino ephebo, que devia entalhar o seu nome nos troncos das faias, começou a usar o nome em bilhetes de visita.

Na Grecia teria andado cingido de linhos puros, com folhas de loiro nas melenas longas, endoidando as moças que, á volta das fontes, ouvissem a carinhosa musica dos seus idyllios.

No seculo XVI, vestido de velludos molles, trazendo no indicador um precioso annel dado pela muito erudita Infanta, filha de D. Manuel, teria enchido de enthusiasmo os saraus do Paço da Ribeira e subido as frageis escadinhas de muito leito armoriado.

João de Deus é o maior dos poetas portuguezes d'este seculo.

Outros subiram mais alto, mas depressa descerão da altura que attingiram: João de Deus não os acompanhará no regresso.

Preoccupados com particulares estados d'alma, alvorando atraz de fugitivas theorias philosophicas, extasiando-se em face de modernismos ephemeros, a obra d'aquelles empallidecerá, pobre de suggestões universaes e eternas, ao passo que a obra de João de Deus, menos vistosa, menos emphatica, baseada n'um velho thema — o amor, e executada com uma simplicidade pastoril, ficará sempre nova e sempre virgem da degradante poeira do tempo, graças á grande qualidade que possue: a humanidade.

O que são os versos de João de Deus? Emoções simples em musicas leves. Mas essas musicas são tão carinhosas, tão cheias de velludo para o ouvido, tão prodigas em cubrir d'arminhos os corações bons, que a sua simplicidade vale cem vezes mais que todas as garridas metaphoras, faiscantes comparações, engenhosos conceitos e complicadas syntaxes, empolgantes mas fugitivas como todos os successos faceis reunidos em torno das composições, que eu chamo scenographicas, escriptas sem alma, com o degradante intuito de captar applausos immediatos.

D'aqui a trezentos, a mil annos, o que serão as concepções philosophicas, que actualmente julgamos

tão visinhas da verdade? Simples documentos d'archeologia intellectual apenas interessantes para os eruditos d'então.

Assim, as obras realisadas sob o prestigio de taes concepções, isto é, a maioria das obras modernas, não passarão de hirtas curiosidades bibliographicas, emquanto que os versos do poeta das *Flôres do campo* exhibirão o orvalhado frescôr que hoje teem para nós os madrigaes de João Segundo, as mutiladas estrophes de Sapho, os amaneirados erotismos de Ronsard e os melancholicos vilancetes de Bernardim Ribeiro.

Graças á minoria intelligente que, a pouco e pouco, tem convertido a maioria estupida, João de Deus é um poeta popular.

Mas emquanto varias dezenas de abalisados paspalhões passeiam a sua mediocridade ajoujados sob o peso de attenciosas considerações, rodeados de salamaleques, João de Deus vive pobre e esquecido, o que é uma felicidade para elle mas uma vergonha para os seus compatriotas.

D'est'arte, João de Deus que, passando os dias longe de toda a depravação moderna, a ler a *Biblia* e os *Lusiadas*, sublinha bem na historia a desgraçada situação dos verdadeiros artistas da epocha, é e será o vivo protesto lançado contra a injustiça d'hoje, que põe loiros nas cabeças occas e se espreguiça fatigada e indeffente perante a ascenção das grandes e duradoiras obras.

Como vingança lançada á cara d'esta cretinissima sociedade em que vivemos, se João de Deus fosse um nobre, devia enrolar á volta do seu escudo de armas uma fita onde estivesse escripta com o seu sangue a conhecida legenda: *O tempo põe tudo no seu logar.*

EUGENIO DE CASTRO.

No proximo numero, medalhão da sr.ª D. Izabel Saldanha da Gama (Ponte). Artigo do Conde de Ficalho.

DESCALÇA!

Quem és, que ao vêr-te o coração suspira,
E em puro amor desfaz-se!
Raio crepuscular do sol que nasce,
De lampada que expira!

Como os teus pés são lindos! como é dôce
A curva do teu peito!
Oh! se o meu coração fosse o teu leito,
E o teu amado eu fosse!

Que preciosas perolas descobre
Teu meigo humido labio!
E, virgem! como Deus foi justo e sabio
Em te fazer tão pobre!

Não tens fofo velludo onde se atole
Tua angelica imagem;
Mas quando é bello o céo, bella a paizagem
E quando é bello o sol?

Limpo de nuvens, nú, derrete a neve
E a aguia até desmaia.
Tu não tens mais do que uma pobre saia,
E essa, curtinha e leve.

Onde o corpo te alteia, a saia avulta;
Onde te abaixa, desce...
És como a rosa! A rosa nasce e cresce,
Não para estar occulta.

O que te falta pois? os teus desejos
Quaes são? de que precisas?
Ah! não ser eu o marmore que pisas...
Calçava-te de beijos!

JOÃO DE DEUS.

Coimbra.

SONETO

Cosi trapassa, al trapassar d'un giorno,
Della vita mortale il fiore e'l verde,
Nè, perchè faccia indietro april ritorno
Si rinfiora ella mai, nè si rinverde.

TASSO.

Foi-se-me pouco a pouco amortecendo
A luz que n'esta vida me guiava,
Olhos fitos na qual até contava
Ir os degraus do tumulo descendo.

Em se ella anuveando, em a não vendo,
Já se me a luz de tudo anuveava;
Despontava ella apenas, despontava
Logo em minha alma a luz que ia perdendo.

Alma gemea da minha, e ingenua e pura
Como os anjos do céo (se o não sonharam...)
Quiz mostrar-me que, o bem, bem pouco dura.

Não sei se me voou, se m'a levaram,
Nem saiba eu nunca a minha desventura
Contar aos que inda em vida não choraram.

Coimbra.

JOÃO DE DEUS.

POLITICA SEM POLITICA

N'esta semana o que mais nos deu no gôto, como vulgarmente se diz, foi um artigo levemente jacobinisante do *Diario de Noticias* sobre os *credores de Portugal*.

Comprehendo que a phantasia litteraria podesse encontrar mil e um adjectivos appropriados a designal-os ou a condecoral-os. Ha um, porém, que estava fora de todas as previsões mais inverosimeis, e foi precisamente esse que o *Noticias* elegeu para caracterisar o nosso credor.

Insaciavel, lhe chamou!

Insaciavel, applicado ao credor do thesouro portuguez, é de facto um achado, e dos mais raros.

Dir-se-ia na verdade que ao nosso credor tinhamos começado por pagar quanto lhe era devido; que reclamando elle mais um achegosito para *argent de poche*, mais lhe deramos; e que, não satisfeito, ainda queria agora mais uma gorgeticula.

Assim, sim. Assim realmente poderia o *Diario de Noticias* chamar-lhe *insaciavel*. Mas desde que, precisamente ao contrario, nem o devido lhe chegamos a dar, e elle se vae accomodando sem maior bulha, o adjectivo do *Diario de Noticias* assume as proporções do estrambotico.

Tanto mais, que tambem mais de uma vez temos visto a citada folha advogar as bellezas do credito.

Para que quer ella o credito?

Para não pagar aos credores e lhe chamar ainda em cima... insaciaveis?

É claro que o articulista escreveu n'um d'esses momentos de phantasia transcendente, a que não escapam os espiritos mais graves. Mas isso que n'um jornal humoristico é appropriavel e está até indicado, num orgão como o *Diario de Noticias*, cujos numerosisissimos leitores são por isso mesmo os menos proprios para descriminar o que é *doutrina* do que é *humour* e tudo tendem a tomar ao pé da lettra, chega a tomar as proporções de um attentado social, pois a moral que cada um d'ahi póde extrair para seu uso particular é, que, quando á porta bate o sapateiro com a conta do ultimo par de botas, a attitude, elogiando pelo *Diario de Noticias*, é a de se lhe gritar de dentro da porta, com as citadas botas no pés:

Ponha-se lá fóra, seu... insaciavel!

Por estas e por outras é que ha pessoas cautas que tomam a precaução de annunciar em taboleta permanente o bem conhecido:

Amanhã fia-se, hoje não!

Se assim tivessem procedido os nossos credores, antes de o serem, é provavel que a estas horas o nosso collega da antiga rua dos Calafates os não achasse tão... insaciaveis.

Impoliticus.

Saibamos vêr as cousas como ellas são: a moral, a bôa, a verdadeira, a antiga, a imperativa, carece do absoluto; aspira á transcendencia: só encontra um ponto d'opoio em Deus.

EDMOND SCHERER.

CHRONICA ELEGANTE

(UMA CARTA DE CINTRA)

Ao sr. Graziel, redactor da chronica elegante da «Semana de Lisboa». — Cintra, á sombra de um castanheiro, 10 d'agosto.

Quando eu era pequena acreditava em duendes, em fadas, em varinhas de condão, em bruxarias, em mouras encantadas e, sobretudo, na significação dos sonhos. A primeira cousa que fazia, ao levantar-me da cama, era ir ter com uma creada muito velha, ainda do tempo da minha avó, e contar-lhe o sonho que tivera.

— Maria — dizia-lhe eu — esta noite sonhei com o mar.

— Ai! minha querida menina! — respondia-me ella sobresaltada — Então sonhou com o mar?

— Sonhei, sim.

— Valha-nos Deus! O mar são lagrimas!

Uma noite, depois de um grande jantar offerecido por meu pae a um conselheiro d'estado, muito feio e muito comilão, sonhei com um peru assado todo recheiado de trufas. A Maria d'essa vez teve sérias duvidas em explicar a significação.

— Mas o peru estava vivo? — perguntava ella.

— Vivo, não; pois se era assado!

— Jesus, Senhor! — exclamava ella, coçando a nuca, e visivelmente atrapalhada — Não sei bem o que será! Se o peru fosse vivo, eram penas! Mas agora um peru assado...

— E com trufas.

— E com trufas, de mais a mais!...

Devia ser um assumpto muito grave! A pobre velhinha pensou, calculou, meditou, investigou; e, ao cabo de alguns minutos, como não encontrasse uma explicação plausivel áquelle intrincado caso do peru morto recheiado de trufas, terminou por me dizer:

— Isso é impossivel! Pois quem vae agora sonhar com um peru assado?! A menina não se lembra bem! Não podia sonhar semelhante cousa!

Convenci-me de que realmente me enganára, e de que o peru o fez Deus e o cosinheiro não para ser sonhado, mas sim para ser comido.

Ora chegou um dia em que tive um sonho afflictivo! Tinha assistido á morte de uma cabrinha branca chamada *Esmeralda*, e que todos nós em casa tinhamos em grande estimação. Toda a noite chorei! Logo que me levantei da cama, e ainda commovida e com os olhos cheios de lagrimas, fui interrogar a Maria. Desatou a rir!

— Então, tu ris-te?

— Pois! Quando se sonha que algum animal está morto, é signal de que está mais vivo do que nunca! São os melhores sonhos! Olhe, menina, venha vêr.

Conduziu-me para a janella, que deitava para a quinta, e d'onde eu poderia vêr a cabrinha. Lá estava effectivamente a *Esmeralda*, linda, graciosa, tal qual como a cabra de *M. Séguin* do conto de Alphonse Daudet, com os olhos muito ternos, uma barbicha de Mephistopheles, as patinhas reluzentes, presa por uma corda ao tronco de uma olaia. Ora retouçava-se na relva, ora atirava-se contra uma moita de silvas, saltando, correndo e pulando, com uma alegria douda! Quando eu, radiante de jubilo, a chamei da janella, gritando: — *Esmeralda*! *Esmeralda*! a cabrinha estacou,

volveu os olhos para mim, e respondeu: *Mé*! mas um *mé* tão crystallino, tão animado e tão tremulo, que até parecia uma gargalhada de gente christã! Ah! era um amor aquella cabrinha branca!

Contei-lhe isto, sr. Graziel, para lhe dizer que se está dando com as suas chronicas o mesmo que se passou quando sonhei com a morte da *Esmeralda*. Eu a sonhar com a *Esmeralda* morta, e a *Esmeralda* cada vez mais cheia de vida e mais alegre do que nunca!

Começou o sr. Graziel a dizer aos leitores que a sociedade de Cintra estava monotona, e que a pessoa que para aqui viesse corria o risco de morrer de tédio! Tal e qual o meu sonho! O sr. Graziel a inventar essas phantasias, e Cintra a animar-se, a alegrar-se, a divertir-se e a preparar-se para continuas festas!

Da primeira, que foi o baile offerecido a semana passada por Mr. Bilhourd, já os seus leitores teem conhecimento. E a proposito devo dizer-lhe que estranhei que o sr. Graziel não tivesse dansado sequer uma quadrilha, e se deixasse ficar toda a noite sentado a conversar com as suas amigas. Que grande semsaborão! Vir a um baile, e não dansar, é o mesmo que ir a Roma, e não vêr o Papa!

Pois saiba que depois do baile do illustre diplomata francez, se realisou outro, na quinta do Relogio. Como o não vi apparecer, vou descrever-lhe o que por cá se passou.

Este segundo baile foi suggerido pelo primeiro, o que não admira, visto que isto de bailes é como as cerejas, que nunca vem uma só.

Em presença d'aquella animação, combinou-se que se realisasse outra festa, e já no dia seguinte se havia escolhido a casa e se preparava tudo para que fosse uma *soirée* deslumbrante. As senhoras, encarregadas de dar as marcas para o *cotillon*, e os rapazes, encarregados de adornar as salas e de encommendar o serviço de buffete e a ceia, não descansavam. Reuniam-se as senhoras em grupos, e faziam-se laços e *cocardes* de fitas, barretes de papel, ramos, emblemas, *pompons*, cortava-se, collava-se, alinhavava-se, cosia-se! Emfim, foi um trabalhão constante! Eu, apezar de saber coser, como já lhe disse, fiquei com um dedo todo picado, como os dedos das costureiras da Aline. Mas, como no tempo de guerra se não limpam armas, entendi que no tempo de *cotillons* se não limpam dedos! *A' la guerre comme à la guerre; au cotillon comme au cotillon!* Era esta a nossa divisa. E, tão bem nos sahimos da empreza, que o baile foi o que verdadeiramente se póde chamar um baile X. P. T. O, London!

Nem o sr. Graziel póde imaginar! Eu não estive um momento sentada. Eram quadrilhas e valsas a seguir, ora com este, ora com aquelle, agora par do João Bergaro, que é um dos mais eximios valsistas das nossas salas, logo par do Balthasar Cabral, que não fica a dever nada ao primeiro. Toda a gente estava satisfeita, e se divertia sem descanço! Houve uma *escoceza*, em que entraram todas as senhoras, até aquellas que costumam ficar sentadas. Aquillo não era dansa, era um verdadeiro delirio!

O baile, depois de uma saborosa e abundante ceia, fornecida pela casa Ferrari, terminou com um *cotillon*, dirigido pela sr.ª D. Maria Mathias de Carvalho e pelo Barão de Hortega, que é mestre apreciado não só nas salas da nossa sociedade elegante mas ainda em alguns dos salões mais aristocraticos de Madrid.

E que bem que se estava n'aquellas salas, abertas para um jardim tratado com tanto esmero e guarnecido de tão preciosas plantas!

Agora devia eu recordar-me do nome de todas as senhoras que estiveram no Relogio. Essa tarefa é um pouco ingrata, porque tenho uma fraca memoria, e porque sei que o chronista incorre sempre no desagrado das pessôas que se esquece de citar.

N'esse desagrado não incorrerei eu. Se o sr. Graziel quizer publicar a lista dos assistentes, reproduza a que fez do baile do Mr. Bilhourd, retirando o nome da sr.ª D. Maria Izabel O'Neil, que não sahiu de casa e accrescentando o da sr.ª Condessa d'Almedina e filha e o de M.lles Schindlers, e talvez d'outras, que me não lembra.

....

Ia a assignar esta carta, quando fui interrompida pela visita do Antonio de Vasconcellos e Souza. Quando eu lhe lia o primeiro periodo, desatou elle a rir, e observou-me:

—Mas olhe que o Graziel ainda acredita em almas do outro mundo!

FOLHETIM

UMA FLOR D'ENTRE O GELO

VI

— Creia que aprecio a nobreza dos seus sentimentos — disse-lhe ella em tom grave e triste. — Tenho orgulho de os haver inspirado, mas penalisa-me ao mesmo tempo. Que quer? É uma fatalidade, disse-o ainda ha pouco. A alma, que eu ambicionaria encontrar, era decerto uma alma assim, mas... — accrescentou com uma expressão de semblante, onde não pôde totalmente dissimular um reflexo de sorriso — cheguei... *tarde*, bem vê. — E fitou os olhos na cabeça encanecida do apaixonado velho.

O sentido d'estas palavras não podia ficar um enigma para Jacob Granada.

— Tarde! repetiu elle, levantando-se e com uma entonação de amargura que contristava ao ouvir — Tarde! — E mal soube disfarçar um sorriso ao pronunciar essa palavra cruel! — Se não sente compaixão, para que a simula? Acabe de consummar a obra. Não basta repudiar este amor; tenha coragem, é preciso escarnecel-o. Vá, ahi anda essa turba de ociosos, procure-a. Conte-lhe a minha loucura, fale-lhe na minha ridicula credulidade, diga-lhe que um velho ousou falar-lhe de amor, que não hesitou em rojar-lhe aos pés a dignidade da sua velhice. Pois vacilla? O velho que ama! o velho que ama! É a eterna fabula da juventude, que nem coração tem para amar. Patenteei-lhe a minha alma; agora que a conhece, ria-se d'ella. Não será a unica a rir; mas é a unica a martyrisal-a, creia. Que me importa a mim que os outros a acompanhem? Os outros! a multidão! o mundo! Nem já entendo estas palavras. O mundo para mim está aqui dentro; e atormenta-me, rala-me, mata-me. Já vê que se enganou, mentiu-me. Os meus sentimentos são nobres, disse-o ainda agora, não é verdade? mas, recorda-se do que escreveu? Se tem faculdades para lhe apreciar a nobreza, falta-lhe o que é mais, a sensibilidade para lhe não ser indifferente. Adeus! e repare que não é um simples adeus o que lhe digo assim. Adeus!... E já não choro! Peor! Tinha precisão de chorar. Sinto em mim um fogo que me abraza. Adeus! procure um coração para o qual não chegasse... *tarde;* mas juro-lhe, Valentina, que outro como este que despreza... Adeus! Adeus!!

E apoderando-se subitamente das mãos de Valentina, beijou-as com um ardor que a fez estremecer, e fugiu desorientado do logar onde esta scena se passara.

Aquella noite foi para Valentina uma noite de agitação e insomnia; parecia-lhe a cada momento escutar as palavras apaixonadas d'esse desgraçado que vira a seus pés e cuja figura, pallida e abatida, se lhe representava na imaginação e quasi lhe fazia sentir remorsos.

CONCLUSÃO

No dia seguinte havia grande alvoroço em todas as habitações da

— Não creio — affirmei eu.

— Ha quatro annos encontrou elle uma, em noite escura, arrastando um manto branco, na cascata dos Pisões! Pergunte-lhe, e verá!

Decididamente, aqui ha mysterio, que eu não tento desvendar!

Lá fiquei outra vez com os dedos manchados de tinta! Pois, por hoje, não escrevo mais.

A' rivederci! — como dizia outr'ora Petrarcha, e como diz hoje o Marquez de Spinola. *A' rivederci!*

GRAZIELLA.

OS HOMENS DE LETTRAS

D'entre um grande numero de cousas que eu sei sem ter aprendido, e das quaes apenas digo algumas, reservando o resto para minha garantia pessoal, ha esta verdade: o homem de lettras gosa, em França, o despreso mais benevolo, mais affectuoso, mas mais completo.

Talvez os outros paizes fizessem o mesmo para com os seus homens de lettras, se os tivessem; mas feliz ou infelizmente não os teem, e é a França a encarregada de alimentar o mundo inteiro de litteratura. E' o artigo Paris do mercado intellectual. Poderia pensar-se, á primeira vista, que esta supremacia litteraria da França deveria attrahir aos que a produzem a estima dos seus compatriotas. Nada d'isso. O ultimo dos burguezes, o ultimo dos financeiros, o ultimo dos funccionarios publicos, considera-nos pessoas mais ou menos espirituosas, mais ou menos agradaveis, mas, no entretanto, pessoas sem consequencia, sem authoridade e sem valor social. O ultimo quidam inveja-nos algumas vezes, em segredo, a fama, que lhe parece sempre superior aos nossos meritos; mas encolhe os hombros ao pensar que podemos tomar a sério a nossa profissão, que lhe parece sempre inferior á sua, qualquer que ella seja.

Não ha um só espectador, na sua cadeira, não ha um só leitor, ao canto do seu fogão, á noite, que não esteja convencido, muito sinceramente convencido, de que o que elle faz durante o dia é mais importante, mais nobre, mais util e mais difficil do que o que nós fazemos, ainda quando elle não faça nada. Emfim, para cumulo de desprezo! quando um homem que nunca escreveu uma linha na sua vida está rico, ou velho, ou fatigado, ou poderoso, ou que se aborrece — principia a escrever romances, comedias, memorias, artigos, poemas, como se fossem cousas que pessoas como elle soubessem fazer de nascença, mas sempre com um nome supposto, afim de manter o nome de seus paes, magistrados ou quincalheiros, fóra e acima dos homens de lettras de profissão.

ALEXANDRE DUMAS.

Anniversarios da semana

Domingo 13 — As sr.as: D. Thereza de Menezes (Almeida) D. Maria Helena Garcez Pinto de Madureira (Cazaes do Douro), D. Izabel Augusta Correia Teixeira Tameirão (Vallado), D. Margarida de Almeida e Albuquerque Vasconcellos Gusmão, D. Gertrudes Ribeiro da Silva, D. Maria d'Assumpção Juzarte Moniz, D. Maria da Conceição Ferreira Borges.

E os srs.: Conde de Castro, Visconde da Lançada, Barão de Nellas, Balduino Ferreira Pinto Basto.

Segunda-feira 14 — As sr.as: D. Hermenegilda da Assumpção Pinto Rocha Braga, D. Maria do Carmo de Moura Forjaz, D. Anna Theodora Bandeira de Mello, D. Julia Alvares Ribeiro, D. Etelvina Gracinda Patricio Alvares, D. Francisca Archer Crespo, D. Margarida d'Assumpção Cordeiro de Barros e Vasconcellos, D. Guilhermina Angelica Machado, D. Branca Pereira Bastos, D. Cecilia Torlardes O'Neill, D. Ignacia de Pina Manique, D. Elisa Laura Pereira de Magalhães.

---

collina. Um facto extraordinario, mysterioso, commentado mais ou menos extravagantemente, reunia os grupos, animava as conversas, e quebrava a costumada monotonia d'aquelle placido viver. O succedido não era para menores effeitos; o doutor Jacob Granada havia desapparecido.

Formavam-se conjecturas, procuravam-se vestigios, recordavam-se circumstancias insignificantes, aventavam-se explicações, mas a obscuridade do facto era completa.

Só Valentina, ainda que não pudesse julgar do destino do doutor Jacob, imaginava a causa provavel do successo, e pela exaltação de espirito que ultimamente conhecêra no velho medico, sentia a esse respeito não infundadas apprehensões.

Alguns dias reinou a incerteza. A confusão era completa. Alteraram-se os habitos mais regulares. Não se falava, não se pensava em outra cousa. Os proprios doentes esqueciam os seus padecimentos, o que a muitos bastou para os curar.

Era uma anarchia innocente. Finalmente, uma manhã, o correio de Lisboa pôz fim a todas as conjecturas. Os periodicos e as cartas particulares annunciavam que o doutor Jacob havia sido encontrado nas ruas da capital, mas em tal estado de espirito, que fôra recolhido ao hospicio dos alienados.

Foi geral a consternação ao receber-se a noticia. Muitas lagrimas sinceras se verteram n'aquelle momento, porque o doutor Jacob era verdadeiramente estimado.

N'esse mesmo dia Valentina abandonou a aldeia que, depois do succedido, se lhe tornara insupportavel pelas amargas recordações que lhe trazia.

Aos leitores que desejarem saber particularidades sobre a loucura do douror Jacob offereço o seguinte extracto de uma carta do facultativo que o observou:

«A mania predominante do enfermo é a descoberta da pedra philosophal. A elaboração de um elixir de longa vida preoccupa-lhe o espirito e conserva-o em um contínuo e fatigador trabalho mental.

«Ouvimol-o falar em Paracelso, em Cagliostro, em Basilio Valentin e Arnaud de Villeneuve e não sei quantos mais nomes de illustres alchymistas.

«Com a primeira pessoa que se lhe approxime, pratica sobre os arcanos d'aquella seita afamada, exaltando-lhe a idéa, e expondo lhe as theorias com um fogo e uma vivacidade, que no meio das aberrações de um espirito perturbado, revelam ainda verdadeiros clarões de uma grande intelligencia.

«Ha dias encontrei-o repetindo estas palavras, que depois me disse serem da *Taboa Smaragdina* de Hermes:

«— Apartarás com cuidado e engenho a terra do fogo, o subtil do denso; o fogo sobe da terra aos céos, desce outra vez sobre a terra e tira a sua força tanto do superior como do inferior. Assim possuirás a gloria do mundo inteiro, fugirão de ti as trevas. É a virtude fonte de toda a virtude...

«Interrompe a cada passo estes soliloquios para exclamar que fará elle emfim o grande achado, a *grande obra*, que ha de ser joven então,

E os srs.: Visconde de Villarinho de S. Romão, D. José d'Almada, D. José Maria de Mascarenhas, João José de Sousa e Silva, João Martins de Macedo (Margaride), Dr. Antonio Guedes de Carvalho e Menezes (Tardinhade), Dr. Antonio Germano Falcão de Carvalho, Frederico Guilherme Burnay.

Terça-feira 15 — As sr.as: D. Maria d'Assumpção Biester de Barros Lima, D. Maria Luiza Velloso da Horta, D. Maria d'Assumpção Rosado d'Azevedo, D. Maria da Piedade Torres Valle de Lacerda, D. Maria d'Assumpção de Sousa Mendonça, D. Guilhermina Silva e Castro Pereira, D. Maria d'Assumpção Ortega, D. Clara Ferreira Pinto Basto, D. Maria Augusta d'Assumpção de Portugal de Faria.

E os srs.: Barão de Saint Georges Kantzow, D. Antonio d'Almeida e Castro, Bernardo Maria de Sousa Horta e Costa (Santa Comba Dão), Adolpho Soares Cardoso, Antonio d'Azevedo Coutinho, Vicente d'Almeida d'Eça, Garcia Affonso da Cunha Portocarrero.

Quarta-feira 16 — As sr.as: D. Maria do Pilar Corvo Barroso, D. Emilia d'Oliveira Xavier, D. Josephina Amelia Esteves Costa, D. Rosalina da Silva Carvalho.

E os srs.: Visconde de Arneiros, Visconde de Moraes Cardoso, Barão de Paço Vieira, Ruy de Fontes Pereira de Mello Ferreira de Mesquita, Ernesto Desforges, Pedro Cardoso Castello Branco, José Maria d'Azevedo Coutinho, João Filippe da Fonseca, Pedro Cambiaso Monteiro, João Saraiva.

Quinta-feira 17 — As sr.as: D. Maria Josepha d'Almeida Garrett Lemos e Carvalho, D. Leopoldina Amelia d'Almeida Valejo Gomes, D. Emilia da Motta da Camara.

E os srs.: Visconde de Bettencourt, Manuel Guedes da Silva Ferreira, Luiz Carlos Gonzaga da Costa Moraes Pedro de Azevedo Coutinho.

Sexta-feira 18 — As sr.as: Visconde de Corrêa Godinho, D. Maria Emilia Pereira Jordão da Silva, D. Maria Benedicta de Freitas Mello, D. Antonia da Conceição Franco, D. Maria d'Ascenção d'Almeida Palmeiro.

E os srs.: Conde de Monte Bello, Conselheiro Eduardo de Serpa Pimentel, Manuel Braamcamp Freire (Almeirim), Ruy de Azevedo Coutinho de Mello e Carvalho, Amadeu Belford, Joaquim Roberto da Silva Talaya, Jeronymo Teixeira Vianna.

Sabbado 19 — As sr.as: D. Maria da Conceição Guerra Quaresma, D. Josephina Teixeira Guedes, D. Maria da Conceição Santa Martha Pinto Veiga, D. Maria das Graças Ferreira de Castro, D. Emilia Alves Martins.

E os srs.: Dr. Alfredo Luiz Lopes, Carlos Ernesto Moser, Joaquim Gomes Xavier de Mattos, José Paulino Teixeira Guedes, Amadeu de Castro Pereira e Solla.

É inutil combater as opiniões dos outros; pódem vencer-se n'uma discussão, mas convencel-os, nunca. As opiniões são como os pregos; quanto mais se lhes bate, mais elles se introduzem.

Alexandre Dumas.

CONSELHOS E RECEITAS DE D. CLARA

A SALA DE VISITAS

Quem ignora hoje como se deve mobilar e decorar uma sala de visitas? Uma descripção minuciosa parece superflua e fastidiosa. Além d'isso, a sala é o que póde ser, e não o que cada qual desejava que fosse.

Está hoje em uso haver na sala um *fauteuil* especial para a dona da casa, a um dos cantos do fogão — o canto menos vantajoso, aquelle em que se fica com as costas voltadas para a luz — que o meio da sala deve estar o mais possivel livre de moveis, de mezas, por exemplo, a fim de facilitar a passagem das visitas; que se fórma um semi-circulo com diversos assentos: canapés, poltronas, cadeiras, poufs, deante do fogão — dispondo no semi-circulo um espaço para n'elle se poder entrar e sahir.

A sala mais luxuosa não terá vida, nem a minima elegancia, se não tiver distribuidas algumas flôres.

Estas flôres podem ser simples: as rosas, as violettas valem as admiraveis e raras orchideas, as glocinias e os jasmins do Cabo. Ainda no rigor do inverno, faltando as flôres, deve a sala adornar-se com plantas verdes de folhas delicadas e setinosas.

É bom ter ao alcance da mão das visitas sobre as mesas albuns, li-

---

que remoçará. E esta idéa lança-o em um accesso de hilaridade caracteristica. Exaspera-se quando lhe negam o que exige para as suas phantasticas elaborações.

«É aos velhos que com especialidade se dirige.

«Promette-lhes juventude, alegria, consideração, e amores.

«A extravagancia d'estas promessas, o ardor das suas palavras então, moveriam a riso se a alma não se sentisse commovida perante as desordens d'aquella intelligencia, onde parece descobrirem-se os vestigios de uma poderosa e mallograda paixão.

«— O absoluto — exclama elle n'esses momentos — vos restituirá as seducções da juventude, desgraçados velhos! Nunca mais, nunca mais vos repetirão, como a mim, aquellas palavras: Vim tarde!

«Estas duas palavras são as que effectivamente mais vezes o ouvem pronunciar, accrescentando:

«— Não haverá mais tarde nem cêdo, perante o eterno, o absoluto.

«Então animam-se-lhe as feições de um sorriso singular.

«Esta exaltação incommoda a quem a vê. Eu, habituado como estou a estes espectaculos, confesso que o não posso olhar sem estremecer, e conservo d'isso por muito tempo uma impressão penosa. Ás vezes encontram-n'o com o rosto occulto entre as mãos e chorando como uma creança; sáe d'esses accessos para perguntar se as andorinhas já voltaram. É singular a commoção que experimenta á vista d'estas pequenas aves.

«D'este estado recáe no de um desespêro tão violento, que é necessario vigial-o muito de perto para que se não cause mal. Em tudo isto reconheço os effeitos de alguma paixão intima, de que este desgraçado foi victima. A sorte d'elle parece-me desesperada, e, no definhamento em que vae, é de presumir que, a recuperar a razão, seja só para reconhecer o instante final.»

E Valentina?

Conservou por algum tempo a memoria do doutor Jacob; mas emfim tinha vinte annos, imaginação e futuro.

Em taes circumstancias as impressões são tão ephemeras!

Na ultima carta em que falava d'elle á sua amiga, terminava assim o periodo respectivo:

«Finalmente, era uma bella alma. Não ha duvida.

«Para o ter amado, bastar-me-hia... ter sido contemporanea de minha avó.»

A observação parece um tanto cruel; mas qual das leitoras jovens seria mais benigna?

Depois que soube os incidentes d'esta pequena historia, cada vez mais se confirmou a minha convicção de que é antes para commover do que para rir o espectaculo de um velho apaixonado. E o que eu julgo que nós todos devemos pedir a Deus é que nos não dê longa vida ao coração, se isto de paixões tem alguma cousa com elle, para que não seja o ultimo a morrer.

Julio Diniz.

vros e recordações de viagens, etc. Estes objectos servem para distrahir as visitas e fornecem materia para conversa.

Não se deve encher a sala de *bibelots*, para a não transformar n'um armazem de *bric-à-brac*, ou n'um museu. Alguns, mas poucos, *bibelots* animam a sala, quebram a severidade ou a monotonia d'um estylo, mas é preciso que esses *bibelots* sejam bellos, d'um gosto muito puro e de certo valor artistico.

Os tapetes, o estofo dos cortinados e reposteiros devem ser escolhidos de fórma que façam uma certa harmonia, havendo o cuidado de não forrar de côr escura uma sala que seja pouco illuminada.

Como é ordinariamente na sala de visitas que se expõem os quadros de valor e os retratos antigos de familia, deve saber se que o centro de qualquer quadro deve ficar, pouco mais ou menos, a um metro e meio da altura do solo. Que uma pintura é feita com côres sombrias, deve ficar bem exposta á luz; sendo feita com côres claras, não deve ficar sob os raios directos d'uma luz intensa.

EPHEMERIDES SEMANAES

5 — Reune pela primeira vez a commissão do *bill* de indemnidade, nomeando as sub-commissões.

— O Supremo Tribunal de Justiça sentenceia a favor da sr.ª Condessa de Penha Longa no importante pleito relativo á herança do marido d'esta senhora.

6 — O sr. Jorge Collaço, director do jornal *A Revista*, realiza uma ascensão no balão *Jupiter*, em companhia do capitão Porlié.

7 — O sr. ministro d'Espanha, marquez de Bendaña, tem uma demorada conferencia com o sr. ministro do reino, e parte em seguida para Madrid.

10 — Alguns jornalistas e outros amadores tauromachicos correm um garraio na praça do Campo Pequeno.

11 — Chega a Cascaes o vapôr inglez *Seine*, conduzindo o cabo telegraphico para os Açores.

— O sr. ministro das obras publicas vae visital-o.

THEATROS E CIRCOS

Real Colyseu

Os *Diabos na côrte* e a *Bella Helena* teem chamado ao Real Colyseu as grandes concorrencias de espectadores, durante esta semana.

Na primeira operetta as duas irmãs Tanis, em *travesti*, fazem os principaes papeis.

Quem não tiver assistido, não póde fazer ideia da graça e do talento com que as duas sympathicas artistas desempenham.

A peça não encerra a moral que se encontra no *Thesouro das meninas* ou na *Historia do menino da matta e do seu cão Piloto;* é, pelo contrario, um pouco fresca, como convem n'estas noites de calma. Algumas situações são um pouco escabrosas, principalmente quando os dois elegantes militares da côrte se separam das respéctivas consortes, e partem, de bandolim ao peito, á conquista da... mulher do proximo! As duas mulheres abalam na piugada dos respectivos maridos, adivinhando o que os impelle a fazer tal viajata, sahindo do caminho da virtude para o caminho de Cythera. Encontram-se sem se reconhecer, consoante admitte a ficção da scena. E, depois de quatro trovas amorosas acompanhadas a bandolim de D. João, está imminente um desastre horrivel: o esposo de uma conquista o coração da outra e vice-versa. Salva a situação um velho jardineiro, que encaminha engenhosamente cada marido para os braços da respectiva mulher. Ao cabo de alguns minutos, os dois conquistadores apparecem radiantes, julgando ter mordido no fructo prohibido, quando afinal se serviram da prata da casa! Mas como este mundo é todo de illusões, julgam elles que fizeram a desejada conquista! Tanto é verdade que apreciamos com mais prazer o manjar da casa alheia, ainda que seja peior do que o da casa propria!

O papel dos dois conquistadores é desempenhado pelas duas graciosas Tanis. A malicia com que representam é deveras encantadora!

A musica é lindissima, e a *mise-en-scène* é fornecida de setins, sedas, velludos e plumas de primeira qualidade.

Com estes predicados não deve admirar o exito da operetta, e os calorosos applausos com que o publico assignala o desempenho.

*

Theatro Avenida

O *Cofre dos encantos*, magica antiga, mas encantadora que subiu á scena no domingo n'este theatro, está fazendo as delicias do publico.

O desempenho é magnifico, e a peça está bem posta em scena.

*

Circo Piatti

E' cheio de attractivos o espectaculo annunciado para hoje n'este circo.

Trabalham os melhores artistas, entre elles o notavel e sempre bem recebido jongleur equilibrista Venturini, que exhibirá os seus melhores trabalhos, sendo alguns de novidade.

A gentil bailarina excentrica, mademoiselle Savio e o seu irmão Emilio, executarão novos bailados. O notavel prodigio de força Sebastião Trafaria, considerado o unico rival de Marx, vergará nos braços grossas barras de ferro e fará quebrar sobre o ventre pedras de 2 quintaes com marretas de 25 kilos.

Com estes attractivos, quem deixará de ir hoje a este circo.

*

Praça de touros

Em um dos dias d'esta semana, a empreza da praça de touros do Campo Pequeno offereceu aos representantes da imprensa a corrida de um garraio, em espectaculo matinal e reservado.

Já sabiamos que todo o jornalista tem obrigação de, nas questões sociaes mais complexas e difficeis, *prendre le taureau par les cornes* — no sentido figurado da phrase. Mas d'ahi a arrostar um touro de carne e osso, ainda quando tanto a carne como o osso sejam tenros, vae uma grande distancia. Pois essa distancia venceram-n'a ha dias alguns redactores de diversos jornaes de Lisboa. Apenas appareceu na praça o novilho, os jornalistas pondo de parte a penna e empunhando as bandarilhas, saltaram a farpear o animal, com a destreza, a galhardia e o denodo de verdadeiros capinhas! Houve pégas de cara, pégas de cernelha e pégas de rabo!

O garraio corria e pulava, perseguido pelos pares de ferros que o ameaçavam de todos os lados! Foi um verdadeiro successo tauromachico! E ao cabo de alguns minutos, o pobre animal escorria mais sangue, do que o que corre dos adversarios politicos aggredidos pelos mesmos jornalistas. Provou-se ainda uma vez que mais magôa e mais fere um bom par de farpas, do que um bom par de tropos!

A imprensa toda rejubilou com o exito dos collegas, e lançou o nome dos vencedores á posteridade!

*

Hoje entra na corrida o famoso Reverte, acompanhado da sua *cuadrilla!*

Deve ser grande a enchente.

SPECTATOR.

Typ. Christovão — R. de S. Paulo, 60 e 62.

A SEMANA DE LISBOA é distribuida gratis aos assignantes do **Jornal do Commercio.** **A livraria Gomes** faz uma tiragem em papel especial ao preço de 5$000 réis por assignatura annual, e 100 réis avulso. — **Annuncios — 100 réis a linha.**

Editor — Antonio Carlos Antunes — Rua do Belver, 1